REFLEXÃO

ORIGINAL

Editores
Ceci Maria Costa Baptista Mariani, Breno Martins Campos

Conflito de interesses
Não há conflito de interesses.

Recebido
8 maio 2025

Versão final
9 jan. 2026

Aprovado
18 jun. 2026

Testamento de Abraão: o enfrentamento da monstruosidade da Morte

Testament of Abraham: facing the monstrosity of Death

Francisco Benedito **Leite**[1]

[1] Pontificia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil. *E-mail*: <ethnosfran@hotmail.com>.

Como citar este artigo: Leite, F. B. Testamento de Abraão: o enfrentamento da monstruosidade da Morte. *Reflexão*, v. 51, e2615542, 2026. https://doi.org/10.24220/2447-6803v51a2026e2615542.

Resumo

O *Testamento de Abraão* é um livro que se encontra nas coletâneas de apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento publicadas em vários idiomas modernos. Assim como os outros livros dessas coletâneas, esta obra ainda não recebeu a devida atenção dos estudiosos no Brasil, tanto teólogos quanto cientistas da religião; e, por isso, ainda representa uma fonte de saber a ser explorada para o desenvolvimento de um renovado conhecimento a respeito do judaísmo do segundo templo, o que é necessário para uma compreensão mais ampla do quadro cultural do judaísmo antigo. Em nossa breve abordagem do livro apócrifo, discutimos esse texto a partir do procedimento de situar seu gênero, o 'testamento', em seu contexto histórico-literário, conforme proposto pela teoria do filólogo russo Mikhail Bakhtin e, depois disso, discutimos sua narrativa e mais algumas de suas características, destacamos particularmente a combinação da comicidade com a apocalíptica e a intertextualidade bíblica. Por fim, expomos o excerto em que a personagem Morte mostra sua expressão monstruosa. A reflexão realizada resulta em um apontamento crítico sobre a Teologia Bíblica tradicional que se omite quanto aos apócrifos e pseudoepígrafos, tendo em vista que esses livros representam incômodo ao retrato idealizado da Teologia do Antigo Testamento e do judaísmo antigo.

Palavras-chave: Apocalíptica. Apócrifo. Monstruosidade. Pseudpepígrafo. Testamento de Abraão.

Abstract

The Testament of Abraham is a book found in the collections of apocrypha and pseudepigrapha of the Old Testament published in several modern languages. Like the other books in these collections, this one has not yet received the attention it deserves from scholars in Brazil, both theologians and religious scientists, and therefore it still represents a source of knowledge to be explored for the development of a renewed understanding of Second Temple Judaism, which is necessary for a broader understanding of the cultural framework of ancient Judaism. In our brief approach to the apocryphal book, we discuss this text based on the procedure of situating its genre, the 'testament', in its historical-literary context, as proposed by the theory of the Russian philologist Mikhail Bakhtin. After that, we discuss its narrative and some of its other characteristics, highlighting in particular the combination of comedy with apocalyptic and biblical intertextuality. Finally, we present the excerpt in which the character Death shows his

CC BY

monstrous expression. The reflection carried out results in a critical note on traditional Biblical Theology that omits the apocrypha and pseudepigrapha, given that these books represent a nuisance to the idealized portrait of Old Testament Theology and ancient Judaism.

***Keywords*:** *Apocalyptic. Apocryphal. Monstruosity. Pseudepigrapha. Testament of Abraham.*

Introdução

O antigo livro judaico, escrito em língua grega, conhecido como *Testamento de Abraão*, é tradicionalmente classificado entre os apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento. Integra, assim, um vasto conjunto de textos produzidos no contexto do judaísmo do segundo templo que permaneceram à margem do cânon bíblico. Como ocorre com muitas outras obras incluídas nessas categorias, o *Testamento de Abraão* raramente tem sido eleito como objeto de investigação por teólogos e cientistas da religião no Brasil, ocupando um lugar periférico no interior da produção acadêmica nacional. Esse relativo desinteresse não se restringe ao contexto brasileiro, pois, mesmo no âmbito internacional, o número de pesquisas sistemáticas e aprofundadas dedicadas especificamente a esse escrito permanece relativamente reduzido, sobretudo quando comparado a outros textos apocalípticos ou testamentários do mesmo período histórico.

Apesar dessa lacuna no campo das pesquisas brasileiras especializadas, sobre o *Testamento de Abraão* em particular, observa-se a existência de um número considerável de traduções de seu texto para diversas línguas modernas, bem como de comentários eruditos, e um número razoável de artigos e ensaios acadêmicos voltados à análise de sua narrativa, de seus motivos literários e de sua história textual escritos no exterior. Esse material, em grande medida, proporciona conhecimentos elementares e indispensáveis acerca do conteúdo do livro, assim como do contexto histórico, social e cultural no qual a obra foi produzida, transmitida e reinterpretada. Tal fato revela um contraste significativo entre a relativa escassez de estudos no Brasil e mesmo em outros países no momento atual da pesquisa e a reconhecida relevância do texto para a tradição do judaísmo do segundo templo, mais especificamente, no período helenista.

A abordagem do *Testamento de Abraão* proposta neste ensaio parte, inicialmente, de uma discussão do gênero literário "testamento", compreendido a partir de seu contexto histórico-literário específico. Tal opção metodológica implica, por um lado, considerar o ambiente cultural no qual a apocalíptica judaica atingiu seu auge enquanto fenômeno religioso, literário e social, particularmente no período compreendido entre o século II a.C. e o início do século II d.C. Por outro lado, e a partir de uma perspectiva mais ampla, parte-se igualmente do ambiente cultural helênico, no qual se desenvolveram, em diferentes regiões do Império Romano, os chamados gêneros pré-romanescos, caracterizados pela experimentação narrativa, pela hibridização de formas e pela combinação de registros discursivos distintos.

De acordo com a teoria da história do romance elaborada pelo filólogo russo Mikhail Bakhtin (2010) – que constitui o referencial teórico fundamental deste estudo –, foi precisamente no ambiente histórico-social e cultural do helenismo e na região do Mediterrâneo que se desenvolveram gêneros literários que, posteriormente, dariam origem ao romance enquanto forma narrativa complexa. A partir desse referencial, o *Testamento de Abraão* pode ser compreendido como um texto que participa de processos mais amplos de transformação dos gêneros narrativos antigos, situando-se em uma zona de contato entre tradições religiosas judaicas e formas literárias do mundo helenístico.

Uma vez situado o gênero "testamento" em seu devido contexto histórico-literário, o presente ensaio passa a apresentar as características específicas do *Testamento de Abraão*, tanto no que se refere à organização e ao desenvolvimento de sua narrativa quanto à complexidade literária do texto, que articula de modo singular elementos de comicidade, apocalíptica e intertextualidade bíblica. A combinação de gêneros que a constitui não apenas atesta seu valor literário, mas também sua relevância no interior da história da literatura judaica antiga.

Em seguida, o estudo dedica especial atenção ao retrato monstruoso da personagem Morte, tal como apresentado no *Testamento de Abraão*, considerando-se a complexidade de sua descrição, bem como o potencial literário, simbólico e teológico da cena de terror que se constrói no interior da narrativa do texto apócrifo. Nesse caso, o termo "monstruoso" está relacionado com o conceito de Cohen, uma expressão cultural. Assim, a representação da Morte, longe de ser um elemento meramente decorativo ou episódico, desempenha papel central na construção do imaginário do texto e na articulação de suas concepções escatológicas e antropológicas.

Por fim, o resultado provisório da leitura aqui proposta do *Testamento de Abraão* aponta para a importância do estudo desse livro, ao lado de tantos outros escritos do mesmo gênero, para o desenvolvimento de uma compreensão mais consistente e efetiva da literatura e da religião do judaísmo do segundo templo. Nesse sentido, o *Testamento de Abraão* revela-se não apenas como um objeto literário de interesse específico, mas como um testemunho relevante das dinâmicas culturais, religiosas e narrativas que marcaram a produção textual judaica antiga em diálogo com o mundo helenístico.

O gênero testamento e suas características histórico-literárias

A descrição que se faz nesse estudo sobre o gênero "testamento" se baseia em definições convergentes desenvolvidas pelos estudiosos da literatura judaica do segundo templo James H. Charlesworth (2016) e John Joseph Collins (1984). De acordo com o que os autores nos apresentaram, no geral, o gênero "testamento" entre a literatura apócrifa e pseudoepígrafa do judaísmo antigo se caracteriza pelo discurso de despedida atribuído a um patriarca do Antigo Testamento e colorido pelas crenças apocalípticas. Dada a diversidade de livros de gênero "testamento", é valido fazer uma descrição genérica e depois apresentar as características particulares do livro que se pretende discutir, por isso procederemos desse modo no presente ensaio.

Entre a vastidão de obras que corresponde aos livros que, a partir do século XVIII, por convenção, passaram a ser classificados pelos estudiosos como apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento, desenvolveu-se, no interior do judaísmo antigo, um tipo distinto de gênero literário que ficou conhecido como "testamento". Essa classificação, de caráter eminentemente moderno, reúne textos de origens, datas e funções diversas, produzidos em contextos históricos e culturais variados, mas que compartilham o fato de não terem sido incorporados ao cânon bíblico judaico ou cristão. Apesar disso, entre os textos canônicos também há textos que podem estão relacionados com o gênero "testamento", como veremos. Nesse amplo e heterogêneo conjunto literário, o gênero testamento se destaca por apresentar características formais e temáticas relativamente estáveis, estruturando-se, em geral, como um discurso atribuído a uma figura exemplar do passado, pronunciado em situação liminar, frequentemente às vésperas da morte, e dirigido a descendentes ou discípulos. Por meio dessa moldura narrativa, tais textos articulam exortações éticas, instruções morais, revelações sobre o futuro e reflexões de caráter teológico, desempenhando uma função pedagógica e parenética no contexto das comunidades que os produziram e transmitiram.

Ao que tudo indica, os livros apócrifos e pseudoepígrafos pertencentes ao gênero "testamento" passaram a ser redigidos após o século II d.C., em um contexto histórico no qual o fenômeno da apocalíptica passou a exercer influência cada vez mais intensa sobre a cultura judaica. Esse processo esteve diretamente associado às profundas transformações religiosas, sociais e políticas vivenciadas pelo judaísmo no período pós-destruição do segundo templo, circunstâncias que favoreceram a elaboração de narrativas marcadas por expectativas escatológicas, revelações sobre o destino final da humanidade e interpretações simbólicas da história. Nessa perspectiva cultural, a apocalíptica não apenas forneceu temas e imagens, mas também estruturas narrativas e estratégias discursivas que moldaram a produção literária do período, contribuindo de modo decisivo para o surgimento e a consolidação de livros apócrifos e pseudoepígrafos cujo conteúdo se encontra profundamente impregnado de elementos apocalípticos, tais como visões celestes, mediações angélicas, juízos divinos e descrições do além. Conforme observa Collins (2010), a incorporação desses elementos não deve ser compreendida como um simples acréscimo temático, mas como a expressão de uma cosmovisão específica, na qual a história presente é interpretada à luz de uma revelação transcendente e de uma expectativa de intervenção decisiva de Deus no desenvolvimento da história.

Como explicou Collins (2010), o livro apócrifo de *I Enoch*, em especial o Mito dos Vigilantes, desempenhou um papel de grande importância nesse contexto cultural, exercendo influência decisiva sobre uma parcela significativa da literatura judaica e cristã que se desenvolveria posteriormente. Essa obra, ao articular de modo sistemático temas como a transgressão das fronteiras entre o mundo celeste e o mundo terreno, a mediação de anjos, a origem do mal e a expectativa de juízo divino, contribuiu de forma determinante para a consolidação de um imaginário e de uma linguagem apocalípticas que seriam amplamente retomadas e reelaboradas em textos posteriores. Segundo Collins (2010), o impacto do Mito dos Vigilantes ultrapassa o âmbito da literatura enóquica, uma vez que sua narrativa, suas categorias simbólicas e seus esquemas de interpretação da história exerceram influência duradoura sobre diversos escritos do judaísmo do segundo templo e, de modo particular, sobre a literatura cristã primitiva. Nesse sentido, não é excessivo afirmar que parte considerável do imaginário teológico e escatológico que se encontra nos textos que a posteridade veio a reunir sob a designação de Novo Testamento deve ser compreendida à luz das tradições inauguradas e difundidas por *I Enoch*, cuja recepção atesta a centralidade desse escrito apócrifo na formação do pensamento religioso antigo.

O próprio Mito dos Vigilantes, que integra o livro de *I Enoch*, pode ter seu gênero literário classificado como "testamento", uma vez que sua estrutura apresenta diversos elementos característicos desse tipo textual. A narrativa tem início com o patriarca Enoch reunindo seus filhos ao redor de si, gesto que remete explicitamente à cena testamentária clássica, na qual a figura ancestral, situada em um momento liminar de sua existência, prepara-se para transmitir seus ensinamentos finais. É nesse contexto que Enoch comunica aos seus descendentes uma tradição secreta, adquirida a partir de sua experiência de acesso aos mistérios divinos, pouco antes de ser tomado por Deus de uma vez por todas, após ter se tornado conhecedor dos segredos celestiais. Nesse sentido, o texto – que corresponde predominantemente à fala do patriarca Enoch em primeira pessoa – configura-se como um discurso de despedida, no qual a autoridade do personagem deriva tanto de sua posição genealógica quanto de sua proximidade excepcional com o mundo celestial. Por meio desse discurso final, a herança simbólica de Enoch é deliberadamente partilhada com as futuras gerações, não apenas como memória do passado, mas como um conjunto de instruções, advertências e revelações destinadas a orientar a conduta e a compreensão da história à luz de uma revelação transcendente. Assim, o Mito dos Vigilantes articula de maneira exemplar os elementos

formais, narrativos e teológicos que caracterizam o gênero testamento no interior da literatura apocalíptica judaica.

O referido procedimento literário-fictício foi utilizado com frequência e de modo particularmente bem-sucedido pelos autores desconhecidos da antiga literatura apócrifa e pseudoepígrafa, constituindo uma das estratégias mais recorrentes e eficazes de legitimação discursiva nesse conjunto de textos. O recurso empregado pelos autores dos apócrifos baseava-se, em linhas gerais, em tomar um patriarca ou outro personagem de destaque da Bíblia Hebraica e atribuir-lhe ensinamentos supostamente advindos de uma tradição secreta da Antiguidade, cuja transmissão teria permanecido oculta ao longo dos séculos e que somente poderia ser revelada no momento histórico em que o livro, de fato, foi redigido – isto é, a partir do século II d.C. Desse modo, o conteúdo do ensino atribuído ao patriarca era, em termos históricos, recente, mas apresentava-se, no interior da narrativa, como antigo, dotado de autoridade ancestral e de origem remota. Do ponto de vista da forma literária, isso é o que se chama de *vaticinium ex eventu* (Berger, 1998).

Na ficção construída por essas obras, o tempo da redação do texto foi deliberadamente transformado no tempo da transmissão da tradição, produzindo um deslocamento temporal que conferia legitimidade e peso simbólico ao discurso veiculado. Partia-se da compreensão de que se tratava de um saber antigo, preservado em segredo por gerações e finalmente revelado em um momento específico da história, considerado propício ou necessário à sua divulgação. Essa estratégia narrativa permitia aos autores responder a questões, crises e debates contemporâneos por meio da voz autorizada de figuras do passado, criando a impressão de continuidade ininterrupta da revelação e reforçando a ideia de que o presente não introduzia novidades, mas apenas tornava manifesto aquilo que sempre existira de forma oculta.

Essa característica literária é típica dos livros apocalípticos, pois, como se sabe, o termo grego *apokálypsis* significa "revelação" ou, de modo mais literal, "desvelamento", isto é, a remoção de um véu que encobria uma realidade até então inacessível. No plano literário e teológico, a noção de desvelamento não se limita à comunicação de informações inéditas, mas pressupõe a manifestação de um conhecimento antigo, previamente oculto, cuja compreensão se torna possível apenas em um momento histórico considerado decisivo. Desse modo, a revelação apocalíptica opera como um ato interpretativo do tempo presente à luz de uma verdade transcendente que sempre existiu, mas que permanecera velada.

Todos esses livros pertencentes ao gênero "testamento", ainda que de modos diversos e em níveis distintos, apontam para o desvelar de uma tradição antiga que havia sido preservada em segredo e que, naquele momento específico, era finalmente divulgada. Tal divulgação não ocorre de maneira arbitrária, mas é justificada narrativamente pela convicção de que o fim dos tempos se aproximava, exigindo a transmissão urgente desse saber às gerações presentes. Assim, o discurso testamentário apocalíptico articula memória e expectativa, passado e futuro, apresentando o presente como o tempo privilegiado da revelação, no qual aquilo que esteve oculto desde a Antiguidade se torna compreensível em razão da iminência do desfecho escatológico da história.

Um livro como *I Enoch*, por exemplo, embora tenha sido redigido no século II a.C., é apresentado, no plano da ficção literária, como tendo se originado em um passado remoto, a perder-se de vista, situado na época da vida do patriarca Enoch. Segundo a construção narrativa, o patriarca teria recebido revelações celestiais diretamente de Deus e as teria transmitido a seus descendentes, os quais, por sua vez, conservaram esse conhecimento em estado de ocultamento ao longo das gerações, até o momento em que o conteúdo do livro veio finalmente a público. Dessa forma, o tempo histórico da redação do texto coincide, no interior da narrativa, com o tempo

apropriado para sua revelação, compreendido como o momento em que aquilo que esteve oculto desde a Antiguidade deveria tornar-se conhecido (século II a.C.).

Não é por acaso que esse livro passou a ser divulgado precisamente naquele período histórico, o século II a.C., pois tal época foi interpretada por amplos setores do judaísmo como um tempo de crise extrema e de ruptura escatológica. Tratava-se do contexto da perseguição violenta imposta pelo soberano selêucida Antíoco IV Epífanes, quando os judeus foram duramente oprimidos em seu próprio território, privados de suas práticas religiosas fundamentais e confrontados com tentativas sistemáticas de imposição da religião grega. Esse cenário de sofrimento coletivo e de ameaça à identidade religiosa foi amplamente compreendido como sinal de que o fim dos tempos tinha chegado, isto é, como o momento que precederia o grande confronto final entre as forças do bem e do mal. No interior dessa expectativa apocalíptica, a revelação atribuída a Enoch adquire pleno sentido: ela se apresenta como uma interpretação teológica da história em curso e como uma promessa de que, apesar da violência e da injustiça presentes, o desfecho último do conflito seria a vitória decisiva de *Yahweh*, afirmando sua soberania sobre o mundo e sobre a história. De acordo com a expectativa dos grupos judeus, *Yahweh* era o detentor de todo o poder e estava ao lado de seu povo e em breve realizaria sua revelação final, que puniria ímpios e recompensaria fieis de uma vez por todas. A exigência da religião judaica nesse tempo de crise era resistir firmemente às provações até que esse dia chegasse.

Apesar de muitas características internas das obras apócrifas e pseudoepígrafas permitirem aos estudiosos do mundo contemporâneo reconhecer que sua redação ocorreu em época tardia, ao menos uma parte considerável da audiência do judaísmo do Mundo Antigo que teve acesso ao conteúdo desses escritos estava convencida de que tais livros haviam sido efetivamente redigidos pelos patriarcas e por outros personagens da Bíblia Hebraica aos quais eram atribuídos. Essa recepção antiga não deve ser compreendida como simples ingenuidade literária, mas como resultado de um pacto narrativo compartilhado entre autores e leitores, no qual a autoridade do texto derivava da tradição que ele alegadamente preservava e transmitia. Na perspectiva, a atribuição pseudoepígrafa funcionava como um mecanismo legítimo de mediação entre o passado fundador e o presente histórico, permitindo que as vozes dos patriarcas interpretassem crises e expectativas contemporâneas.

Há uma série de livros que se pode afirmar que se classificam de modo mais estrito como pertencentes ao gênero "testamento", a saber: o *Testamento dos Doze Patriarcas*, o *Testamento de Jó*, o *Testamento de Abraão*, o *Testamento de Isaque*, o *Testamento de Jacó*, o *Testamento de Salomão*, o *Testamento de Moisés* e o *Testamento de Adão*, entre outros escritos. Esses textos compartilham uma estrutura narrativa comum, marcada pela figura de um personagem central – geralmente um patriarca ou herói bíblico – que, situado em um momento liminar de sua existência, frequentemente às vésperas da morte, transmite a seus descendentes ou discípulos exortações éticas, instruções religiosas e revelações de caráter escatológico. Embora tal enumeração não esgote o conjunto de obras que podem ser aproximadas desse gênero, uma vez que a lista de livros apócrifos é extensa e heterogênea, ela indica a existência de um corpus relativamente identificável de escritos testamentários no interior da literatura judaica antiga. Conforme observa Henze (2015), a delimitação desse grupo não implica uniformidade absoluta, mas permite reconhecer um conjunto de textos que, apesar de suas diferenças internas, apresentam afinidades formais, temáticas e teológicas suficientes para serem analisados de maneira comparativa sob a rubrica comum do gênero "testamento".

Para compreender de modo mais adequado o gênero "testamento", o livro conhecido como *Testamento dos Doze Patriarcas* revela-se fundamental, uma vez que essa obra foi elaborada a partir das técnicas de ampliação e atualização que são típicas da exegese midráshica. Trata-se de um procedimento interpretativo que não se limita à repetição do texto bíblico, mas que o expande, desenvolve e reinterpreta à luz de novas circunstâncias históricas e de novas questões teológicas. No caso específico, o Testamento dos Doze Patriarcas pode ser compreendido como um *midrash* narrativo da passagem canônica que descreve a despedida de Israel (Jacó) de seus doze filhos, conforme apresentada em *Gn* 49. Enquanto o texto bíblico oferece breves oráculos poéticos dirigidos a cada um dos filhos, o texto apócrifo amplia essas bênçãos e advertências em longos discursos em primeira pessoa, nos quais cada patriarca revisita sua própria história, formula exortações morais e transmite revelações de caráter escatológico. Dessa forma, o *Testamento dos Doze Patriarcas* exemplifica de maneira particularmente clara como o gênero testamento surge da interação entre tradição bíblica, interpretação midráshica e expectativas religiosas características do judaísmo do Segundo Templo.

Terry Eagleton (2024, p. 106) explica o procedimento realizado pelos antigos intérpretes da literatura judaica que levaram ao surgimento da literatura apócrifa e pseudoepígrafa a partir do ponto de vista da Crítica Literária:

> O significado de um texto bíblico não era considerado evidente. O próprio termo midrash, que significa procurar ou investigar, sugere isso com bastante clareza. As escrituras sagradas eram vistas como inesgotáveis e apresentavam aos comentadores um sentido diferente a cada vez que eram estudadas. A menos que um trecho das escrituras pudesse ser radicalmente reinterpretado para atender às necessidades da época, ele era considerado morto. Precisava ser revitalizado por uma exegese constante à luz do momento contemporâneo. A revelação era um processo contínuo, não um acontecimento definitivo.

Nesse sentido, os "testamentos" são o desenvolvimento de interpretações atualizadas da literatura judaica. No texto canônico que deu origem ao gênero "testamento", isto é, *Gn* 49, imediatamente antes de sua morte, Israel (Jacó) despede-se de cada um de seus doze filhos por meio de bênçãos e prognósticos particulares, nos quais são esboçados tanto o destino individual de cada descendente quanto o futuro coletivo das tribos que deles procederiam. Os pronunciamentos ali postos, apresentados de forma concisa e poética em *Gn* 49, funcionam como uma síntese profética da história de Israel, articulando a memória do passado, a avaliação do presente e a antecipação do porvir.

O *Testamento dos Doze Patriarcas*, por sua vez, não apenas realiza uma significativa ampliação quantitativa desse material – transformando um único capítulo bíblico em doze livros distintos, cada qual atribuído a um dos filhos de Jacó –, como também promove uma profunda atualização temática e teológica do conteúdo original. Essa atualização manifesta-se sobretudo na incorporação de temas característicos da apocalíptica, tais como expectativas escatológicas, juízo divino, recompensas e punições futuras, bem como reflexões morais vinculadas a um horizonte de crise histórica. Trata-se, portanto, de temas próprios do século II a.C., associados ao contexto do judaísmo do segundo templo, que não poderiam ser presumidos no ambiente histórico atribuído à época dos patriarcas. Desse modo, o *Testamento dos Doze Patriarcas* exemplifica de forma clara como a tradição bíblica foi reinterpretada e expandida à luz de novas circunstâncias históricas, preservando sua autoridade ancestral ao mesmo tempo em que respondia a questões e inquietações de um período posterior.

Assim, o *Testamento dos Doze Patriarcas* tornou-se modelar para o desenvolvimento do gênero "testamento" nos períodos posteriores, funcionando como um paradigma literário e teológico para obras que lhe sucederam. Parece razoavelmente certo que ao menos parte considerável dos outros livros pertencentes ao mesmo gênero tenha sido elaborada a partir do conhecimento prévio de seu conteúdo, seja por meio de imitação direta de sua estrutura narrativa, seja pela apropriação de seus procedimentos ficcionais e de sua estratégia de legitimação pseudoepígrafa.

O *Testamento de Jó*, por exemplo, constitui uma evidência particularmente clara dessa afirmação, uma vez que, nessa obra, Jó, personagem central do relato, é apresentado como cunhado dos doze patriarcas, por ter se casado com Diná, irmã deles. Por meio dessa construção genealógica fictícia, o *Testamento de Jó* estabelece uma vinculação deliberada com o *Testamento dos Doze Patriarcas*, inserindo-se no mesmo universo narrativo e reforçando sua autoridade por associação.

Algo semelhante pode ser observado no caso dos chamados Testamentos dos Três Patriarcas, conjunto de obras que reúne os testamentos atribuídos a Abraão, Isaque e Jacó, no qual o *Testamento de Abraão* foi posteriormente incluído. Também aqui se percebe o esforço de situar o texto em continuidade com uma tradição já reconhecida e legitimada, indicando que o gênero testamento não se desenvolveu de maneira isolada, mas por meio de um processo cumulativo e intertextual, no qual obras posteriores dialogam explicitamente com modelos anteriores, adaptando-os a novos contextos históricos e teológicos.

A discussão aqui desenvolvida em torno do gênero "testamento" aponta para nossa compreensão sobre a não existência de noções rígidas ou estritas de gêneros literários, entendidos como categorias fixas e mutuamente excludentes. Ao invés disso, com base na reflexão proposta por Mikhail Bakhtin (2016), reconhecemos a flexibilidade histórica e funcional dos gêneros do discurso, com os quais os gêneros literários estão intrinsecamente relacionados. Para Bakhtin, os gêneros se constituem no uso social da linguagem e se transformam ao longo do tempo, de modo que suas fronteiras permanecem sempre permeáveis e sujeitas a deslocamentos.

É justamente a partir dessa compreensão que afirmamos que, em certo sentido, O Mito dos Vigilantes pode ser classificado como um "testamento", na medida em que apresenta um discurso de despedida proferido por uma figura de autoridade, situado em um momento liminar e voltado à transmissão de uma herança simbólica às gerações futuras. Em mesma linha, não seria arriscado sustentar que também as cartas pastorais pseudopaulinas (*I e II Timóteo e Tito*) podem ser lidas, sob determinada perspectiva, como textos de caráter testamentário, uma vez que nelas se encontram discursos de despedida, exortações finais e instruções destinadas a assegurar a continuidade de uma tradição após a ausência iminente do personagem central que emite o discurso. O último capítulo do evangelho canônico de João também é um testamento nesse sentido, tendo em vista que é um discurso de despedida.

Ainda assim, tanto o Mito dos Vigilantes quanto as cartas pastorais e o capítulo final de *João* não se esgotam nessa classificação, podendo igualmente ser compreendidos a partir de outros enquadramentos genéricos, como narrativa apocalíptica, epístola ou parênese. Essa multiplicidade de possibilidades classificatórias confirma, portanto, a inadequação de tipologias rígidas e reforça a necessidade de uma abordagem que reconheça a heterogeneidade e a sobreposição dos gêneros, especialmente no estudo da literatura religiosa do Mundo Antigo e, nesse caso, particularmente, da literatura judaica antiga.

No entanto, mesmo reconhecendo a flexibilidade dos gêneros do discurso e a amplitude do conjunto de livros que podem, em algum nível, ser classificados como pertencentes ao gênero

"testamento", optamos por uma delimitação metodológica precisa. Com isso, restringimo-nos a tratar de um conjunto específico de obras que constam entre os apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento, as quais se encontram unidas por uma série de critérios convergentes. Entre os critérios destacam-se, em primeiro lugar, a influência decisiva da apocalíptica judaica, perceptível tanto nos temas quanto nas estruturas narrativas dessas obras; em segundo lugar, a época de sua escrita, situada no contexto histórico do judaísmo do segundo templo; em terceiro lugar, o uso da língua grega como meio de expressão literária; e, por fim, a presença de um estilo paródico, que se manifesta na reelaboração criativa de tradições antigas, na inversão de expectativas narrativas e na combinação de registros solenes e cômicos. Essa delimitação permite, portanto, uma análise mais coerente e consistente do gênero testamento, ao mesmo tempo em que preserva a consciência de sua diversidade interna no contexto da literatura religiosa antiga.

Nossa pesquisa encontra-se em pleno desenvolvimento e, por essa razão, por um lado, ainda não é possível apresentar conclusões definitivas a respeito dos livros que não foram até o momento diretamente abordados no escopo do estudo. Por outro lado, já é possível afirmar, com base nos resultados parciais alcançados, que o *Testamento de Jó*, o *Testamento de Salomão* e o *Testamento de Abraão* correspondem de modo consistente aos critérios literários anteriormente delineados. Com efeito, o avanço da investigação dessas três obras permitiu identificar nelas a presença conjunta da influência da apocalíptica judaica, a produção em língua grega, a inscrição em um contexto histórico comum e do uso de um estilo paródico característico. Assim, embora os resultados aqui apresentados devam ser compreendidos como provisórios, eles já fornecem indícios suficientes para justificar a inclusão desses textos no corpus delimitado e para sustentar a pertinência da abordagem adotada neste estudo.

Enquanto obras como *I Enoch* e o *Testamento dos Doze Patriarcas* interpretam narrativas da Bíblia Hebraica por meio de procedimentos de ampliação e atualização de seus conteúdos, o resultado literário dessas produções pode ser compreendido como a expressão mais elaborada e sistemática da literatura oriunda da apocalíptica judaica, representando, conforme observa Collins (2010), um verdadeiro auge desse fenômeno literário e religioso. Nos textos, a releitura das tradições bíblicas assume um tom predominantemente solene, marcado por forte densidade teológica, por expectativas escatológicas coerentes e por uma elaboração simbólica que visa interpretar a história à luz de uma revelação transcendente.

Por sua vez, obras como o *Testamento de Jó*, o *Testamento de Salomão* e o *Testamento de Abraão* apresentam uma característica literária significativamente diferente dos outros "testamentos", podendo ser caracterizadas como verdadeiras paródias das tradições das quais se derivaram. Embora também recorram a procedimentos midráshicos semelhantes, o efeito produzido por esses textos é frequentemente vulgar e cômico, seja pelo exagero de certos elementos narrativos, seja pela justaposição inesperada de registros elevados e populares, ou ainda pela construção de cenas deliberadamente cômicas. Nesse sentido, os *midrashim* presentes nessas obras parecem conduzir a uma reelaboração menos solene e mais cômica das tradições bíblicas e apocalípticas. Não é possível afirmar com segurança se tais efeitos cômicos e paródicos corresponderam plenamente à intenção consciente de seus autores ou se emergiram como resultado indireto do processo de ampliação narrativa; ainda assim, o caráter paródico dessas obras constitui um dado literário relevante, que as distingue claramente dos principais textos da apocalíptica judaica e contribui para a compreensão da diversidade estética e discursiva desse *corpus*.

Ao que se pode notar, tais obras pertencentes ao gênero "testamento" circularam amplamente como expressões de "religião popular", no sentido proposto por Paulo Nogueira (2018)

para a compreensão desse fenômeno cultural no contexto do Império Romano, especialmente durante os últimos séculos da era anterior e os primeiros séculos da era atual. A noção de religião popular, apresentada então, não se refere a práticas religiosas marginais ou desvinculadas das tradições eruditas, mas a formas de religiosidade caracterizadas por sua circulação ampla, por sua acessibilidade narrativa e por sua capacidade de dialogar com as experiências cotidianas de grupos diversos.

Nessa perspectiva de interpretação, os testamentos apócrifos e pseudoepígrafos podem ser compreendidos como textos que traduzem concepções teológicas complexas, como escatologia, juízo divino e mediação celestial; em linguagens narrativas mais concretas, imagéticas e, por vezes, cômicas, favorecendo sua recepção em contextos não especializados. Assim, ao circularem como manifestações de religião popular, tais obras contribuíram para a difusão de elementos da apocalíptica judaica em ambientes sociais mais amplos, ao mesmo tempo em que revelam a pluralidade de formas pelas quais a experiência religiosa foi vivida, narrada e reinterpretada no interior do mundo mediterrâneo antigo.

Livros como aqueles que acabamos de mencionar constituem, de modo evidente, rebaixamentos das histórias dos patriarcas e de outras personagens centrais da Bíblia Hebraica, na medida em que reelaboram tradições originalmente solenes por meio de registros literários marcados pelo vulgar, pelo cômico e, em certos casos, pelo grotesco. Esse processo de rebaixamento não deve ser compreendido apenas como uma degradação estética das narrativas bíblicas, mas como uma estratégia de adaptação cultural, pela qual temas e figuras consagradas são deslocados para uma perspectiva de compreensão mais próxima da experiência cotidiana de seus leitores.

De alguma forma, os conteúdos vulgares presentes nessas obras correspondiam à experiência religiosa concreta de judeus que viviam no Império Romano no período em que o fenômeno da apocalíptica exerceu influência mais intensa sobre a cultura judaica. Inseridos em contextos sociais marcados por dominação política, instabilidade e tensão identitária, esses grupos encontravam, nas narrativas, formas simbólicas de expressar angústias, expectativas escatológicas e esperanças de reversão da ordem vigente. Logo, o rebaixamento literário observado nesses textos pode ser interpretado como um modo específico de mediação religiosa, no qual a tradição bíblica é apropriada e ressignificada a partir das condições históricas e culturais do judaísmo do segundo templo em diálogo com o mundo romano.

Essa compreensão – segundo a qual certos livros apócrifos do gênero "testamento" podem ser caracterizados como obras vulgares, no sentido de expressarem a experiência religiosa de grupos populares e marginalizados – leva-nos a reconhecê-los como textos que operam simultaneamente em dois registros: o religioso e o cômico. Trata-se, portanto, de uma produção que pode ser adequadamente compreendida à luz da categoria de "literatura sério-cômica", na qual conteúdos de relevância teológica são articulados por meio de procedimentos narrativos marcados pelo humor, pela paródia e pelo rebaixamento.

Essa dupla inscrição não deve ser entendida como uma contradição interna ao texto, mas como uma forma específica de elaboração literária, capaz de traduzir concepções religiosas complexas em linguagem baixa, por vezes, grotesca. É precisamente nesse ponto que a reflexão de Mikhail Bakhtin (2010) – nosso principal referencial teórico para a abordagem desse *corpus* – mostra-se particularmente fecunda, uma vez que o autor reconhece, na tradição da literatura sério-cômica, um espaço privilegiado para a articulação entre riso, crítica cultural e visão de mundo religiosa. Conforme afirma Bakhtin (2010, p. 273):

> Estamos convencidos de que não havia literalmente nem um só gênero direto estrito, nem um só tipo de discurso direto – literário, retórico, filosófico, religioso, popular – que não tivesse o seu duplo paródico Abordagem teórica travestizante, sua contra-*partie* cômico-irônica. Ademais, estes duplos paródicos e os reflexos cômicos do discurso direto em alguns casos eram tão consagrados e canonizados quanto os seus protótipos elevados.

Bakhtin (2010) realizou essa afirmação no contexto de sua reflexão sobre a história do romance, compreendido como um gênero que se desenvolveu progressivamente ao longo do território que estava sob o domínio do Império Romano, especialmente no período do helenismo, em um cenário marcado pelo declínio dos gêneros elevados da Antiguidade clássica, como a épica e a tragédia. Segundo essa perspectiva, o surgimento das formas romanescas não se deu a partir da continuidade dessas tradições prestigiosas, mas por meio de obras consideradas vulgares, híbridas e experimentais, frequentemente classificadas como pré-romanescas, redigidas majoritariamente em língua grega. As produções literárias caracterizavam-se pela mistura de registros discursivos, pela presença do riso, pela paródia de modelos consagrados e pela abertura a experiências cotidianas e marginalizadas, configurando o que Bakhtin denomina de tradição sério-cômica.

Se, conforme discuti em trabalhos anteriores (Leite, 2019; 2024), tais características histórico-literárias já se mostram latentes em certos livros canônicos, sobretudo no segundo evangelho sinótico, *Marcos* – no qual se observam procedimentos narrativos de rebaixamento, ironia e inversão de expectativas –, é nas obras apócrifas que esses traços se manifestam de maneira ainda mais explícita e sistemática. Nessas produções, a combinação entre elementos religiosos, apocalípticos e cômicos assume contornos literários mais nítidos, permitindo observar com maior clareza os mecanismos de paródia e de reelaboração vulgar das tradições bíblicas. É precisamente nessa perspectiva de interpretação que se insere a exposição do *Testamento de Abraão* que propomos a seguir, entendida como um exemplo particularmente expressivo da literatura sério-cômica produzida no contexto do judaísmo helenístico sob a influência da apocalíptica.

O *Testamento de Abraão*

Ainda há muito a ser explorado no que diz respeito à obra conhecida como *Testamento de Abraão*, tanto no que concerne à sua história textual quanto à sua inserção no contexto literário e religioso do judaísmo helenístico. Até o momento, contudo, sabe-se que se trata de um livro judaico escrito em língua grega, cuja composição deve ter ocorrido muito provavelmente no século I d.C., sendo comumente associada ao ambiente cultural de Alexandria, no Egito. Essa localização não é fortuita, uma vez que Alexandria se configurava como um dos principais centros de produção intelectual judaica da Antiguidade, marcado pela intensa interação entre tradições judaicas e formas literárias helênicas.

Do ponto de vista linguístico, o grego *koiné* no qual o *Testamento de Abraão* foi redigido não apresenta diferenças significativas em relação à língua empregada nos escritos do Novo Testamento, o que sugere não apenas uma proximidade cronológica, mas também a circulação do texto em ambientes culturais semelhantes. Essa afinidade linguística reforça a hipótese de que a obra foi produzida em um contexto no qual o grego funcionava como língua franca para a expressão de ideias religiosas judaicas, ao mesmo tempo em que facilita a comparação literária e temática entre o *Testamento de Abraão* e os textos cristãos primitivos. De tal modo, tanto sua língua quanto sua provável origem geográfica contribuem para situar o *Testamento de Abraão* no interior do amplo e complexo cenário do judaísmo do segundo templo em diálogo com o mundo helenístico.

De modo particularmente instigante do ponto de vista literário, a narrativa do *Testamento de Abraão* articula de maneira coesa e sofisticada, do ponto de vista literário, elementos de comicidade, da apocalíptica judaica e do contexto bíblico, produzindo um texto que trabalha simultaneamente em diversas perspectivas discursivas. A comicidade manifesta-se sobretudo por meio do rebaixamento das figuras sagradas, da inversão de expectativas e da construção de cenas grotescas, sem que isso implique a negação de seu caráter religioso. Ao mesmo tempo, o livro mobiliza temas típicos da literatura apocalíptica, como a revelação dos segredos celestiais, a mediação dos anjos e a antecipação do juízo escatológico, integrando-os a uma trama narrativa marcada por ironia.

Além disso, a obra estabelece um diálogo constante com a Bíblia Hebraica, reinterpretando e ressignificando tradições canônicas por meio de alusões, amplificações e deslocamentos narrativos que evidenciam um procedimento intertextual consciente. O resultado é uma narrativa caracterizada por uma composição na qual sério e cômico, o elevado e o vulgar se imiscuem e configuram um exemplo paradigmático de literatura de gênero sério-cômica no interior do judaísmo helenístico.

A respeito da veracidade dessa afirmação, é possível apontar diversos exemplos concretos que ilustram com clareza a complexa tessitura literária do *Testamento de Abraão*. No que diz respeito à comicidade, destacam-se cenas deliberadamente extravagantes e inusitadas, como a do anjo que chora pedras preciosas (*Test Abr* 3.11) ou a daquele que se retira abruptamente de uma reunião sob o pretexto da necessidade de urinar (*Test Abr* 4.5), episódios que promovem o rebaixamento de figuras celestes e produzem efeitos cômicos evidentes. Tais recursos narrativos aproximam o mundo sobrenatural de experiências corporais e cotidianas, procedimento típico da literatura sério-cômica.

Por sua vez, os elementos apocalípticos manifestam-se de maneira igualmente explícita na narrativa da viagem celestial empreendida por Abraão em companhia do anjo, durante a qual lhe são reveladas realidades escatológicas ocultas. Entre essas cenas, destaca-se o episódio das "duas portas" (*Test Abr* 11) – uma estreita e outra larga – que simbolizam, respectivamente, o caminho que conduz ao castigo eterno e aquele que leva ao descanso eterno, em conformidade com motivos recorrentes da tradição da apocalíptica judaica.

Finalmente, a intertextualidade bíblica é incontestável, uma vez que o *Testamento de Abraão* retoma e reelabora narrativas canônicas da Bíblia Hebraica relacionadas ao seu personagem principal, conferindo-lhes novos contornos interpretativos. Em particular, a obra enfatiza a figura de Abraão como anfitrião exemplar, em evidente diálogo com o relato de *Gn* 18, no qual o patriarca acolhe visitantes celestes com hospitalidade paradigmática. Dessa forma, o texto articula comicidade, apocalíptica e tradição bíblica em uma narrativa coesa, cuja originalidade reside justamente na tensão produtiva entre esses diferentes registros literários.

Não se ignora que o *Testamento de Abraão* demonstra interesse particular pela caracterização do patriarca como anfitrião exemplar, traço já presente na tradição bíblica canônica e amplamente explorado na narrativa, sobretudo por meio de cenas que enfatizam sua hospitalidade, generosidade e disposição em acolher visitantes celestes. Contudo, chama atenção o fato de que a obra silencia quase por completo a respeito da fé de Abraão, elemento que ocupa posição central na recepção do personagem pelos autores do Novo Testamento, para os quais o patriarca é paradigmático precisamente por sua confiança obediente em Deus (*Rm* 4; *Gl* 3; *Hb* 11).

Essa assimetria não parece acidental, mas revela uma **opção literária e teológica consciente** por parte do autor do *Testamento de Abraão*, que desloca o eixo interpretativo da figura

patriarcal do campo da fé que produz justificação para o da prática concreta da hospitalidade e do comportamento cotidiano. Tal deslocamento reforça o caráter paródico e sério-cômico da obra, na medida em que privilegia aspectos mais terrenos e relacionais da personagem, em detrimento de virtudes teológicas abstratas, amplamente valorizadas pela tradição cristã posterior. Desse modo, o *Testamento de Abraão* não apenas reinterpreta a figura do patriarca, mas também propõe, ainda que de forma implícita, uma leitura alternativa de sua relevância religiosa no contexto do judaísmo helenístico.

Quanto ao gênero, o *Testamento de Abraão* distancia-se de maneira significativa do modelo mais recorrente dos escritos classificados como "testamentos", nos quais se espera encontrar a cena convencional do patriarca no leito de morte, cercado por seus filhos ou descendentes, a quem transmite uma herança simbólica por meio da revelação de uma tradição até então desconhecida. No caso dessa obra, tal cena não apenas está ausente, como é deliberadamente substituída por uma estrutura narrativa alternativa, que está voltada à resistência que o patriarca Abraão faz à morte. Em vez de aceitar serenamente o anúncio de seu fim, Abraão reage com relutância à mensagem que lhe é comunicada pelo anjo Miguel.

A recusa do patriarca não se limita a um primeiro momento de hesitação, pois ele não aceita a própria morte nem mesmo quando Deus explicitamente o exige, tampouco quando a personificação da Morte, agindo em obediência direta ao mandato divino, vem ao seu encontro para conduzi-lo. Essa sucessão de negativas, reiteradas ao longo da narrativa, forma a estrutura do enredo e proporciona à obra um tom evidentemente cômico, uma vez que subverte tanto as expectativas associadas à figura exemplar do patriarca. Assim, o tema fundamental que organiza a narrativa do *Testamento de Abraão* é precisamente a não aceitação da morte por parte de Abraão.

No texto, Abraão é reiteradamente mencionado como "amigo de Deus", designação que lhe confere um status singular e o distingue dos demais seres humanos, sobretudo no que diz respeito ao modo como sua morte é tratada. O que caracteriza a condição privilegiada de Abrão é o seu privilégio de não experimentar a morte de maneira súbita ou inesperada, como ocorre com a humanidade em geral. Ao invés disso, ele é previamente avisado, de modo a dispor das condições necessárias para se preparar para sua despedida. Em razão desse privilégio, tanto o anjo Miguel, mensageiro divino, quanto a própria Morte, personificada e atuando em obediência a Deus, demonstram extrema cautela ao abordá-lo diretamente sobre o tema do fim de sua vida, evitando confrontá-lo de maneira brusca ou autoritária.

O tratamento diferenciado movimenta literariamente a narrativa, pois cria uma tensão crescente entre o privilégio concedido a Abraão e sua recusa obstinada em aceitar o desfecho inevitável da existência humana. No contexto dessa narrativa, a reação de Deus é descrita de forma marcadamente cômica, uma vez que ele se mostra indignado com o fato de Abraão ter acolhido prontamente todas as benesses que lhe foram concedidas ao longo da vida, tais como: terras, propriedades, posteridade etc; mas resistir à aceitação do fim de sua própria vida, que também faz parte da condição humana. Tal construção narrativa reforça a característica do sério-cômico na obra e contribui para o rebaixamento da figura patriarcal, sem, contudo, esvaziar completamente sua relevância.

As edições do *Testamento de Abraão* traduzidas para os idiomas modernos às quais tivemos acesso (Montaner, 1987; Sanders, 2016; Ubigli, 2000) indicam a existência de duas recensões distintas do texto, tradicionalmente designadas como recensão A e recensão B, sendo a primeira notavelmente mais extensa do que a segunda. A existência das duas recensões aponta para

diferenças significativas no desenvolvimento narrativo, na caracterização das personagens e na organização de determinadas cenas.

De acordo com a análise de Nickelsburg (2011), bem como com o consenso dos estudos especializados aos quais tivemos acesso até o momento, a recensão maior (A) deve ser considerada a mais antiga, ao passo que a recensão B parece representar uma versão abreviada e, possivelmente, adaptada do texto. Por essa razão, toda a descrição, análise literária e interpretação apresentadas neste trabalho fundamentam-se prioritariamente no conteúdo da recensão A, uma vez que ela preserva de maneira mais ampla e complexa os elementos narrativos, teológicos e cômicos que são centrais para a compreensão do *Testamento de Abraão* no contexto da literatura apócrifa e pseudoepígrafa judaica.

O texto do *Testamento de Abraão* apresenta uma estrutura dividida em duas partes. Na primeira parte da narrativa (*Test Abr* 1-15), o anjo Miguel ocupa papel central como a principal figura de interação com Abraão, atuando simultaneamente como mensageiro divino, mediador da vontade de Deus e acompanhante do patriarca em experiências que incluem diálogos, viagens celestiais e revelações apocalípticas. É nesse bloco mais extenso que se desenvolvem os principais episódios da resistência de Abraão à morte, bem como as cenas que articulam comicidade e crítica simbólica à condição humana.

Na segunda parte (*Test Abr* 16-20), consideravelmente mais breve, ocorre uma mudança significativa na dinâmica narrativa, pois a figura que passa a dialogar diretamente com Abraão já não é mais o anjo, mas a Morte personificada, apresentada como um agente obediente a Deus, ainda que dotado de traços ambíguos. Apesar de não ser convencido nem pelos argumentos do anjo Miguel nem pela abordagem direta da própria Morte, o patriarca, em um momento decisivo, vacila. É justamente nesse instante que se consuma o desfecho da narrativa: Abraão morre ao beijar a mão da Morte, que o engana deliberadamente para conseguir conduzir sua alma. Esse encerramento, marcado por um desfecho inesperado constitui um evidente efeito de comicidade, reforçando o caráter sério-cômico da obra e sublinhando, de forma irônica, a inevitabilidade da morte mesmo para aquele que é chamado de "amigo de Deus".

O *Testamento de Abraão* evidencia de maneira particularmente expressiva a complexidade da literatura judaica produzida nos primeiros séculos da atual era e, por conseguinte, a própria complexidade da religião que convencionalmente denominamos judaísmo do segundo templo. Obras desse tipo desafiam leituras simplificadoras, pois revelam formas de expressão religiosa que escapam aos modelos normativos geralmente privilegiados pela historiografia teológica. Como manifestações daquilo que pode ser compreendido como religião popular do Mediterrâneo durante os primeiros séculos da era cristã, esses livros foram, em larga medida, segundo Nogueira, (2018, p. 16) "varridos para debaixo do tapete" por teólogos e cientistas da religião que, ao longo do tempo, optaram por ignorar sua existência – o que também se verifica no caso de outras obras pertencentes ao mesmo gênero literário.

Tal negligência não parece resultar apenas de uma avaliação estética ou doutrinária negativa, mas, sobretudo, da dificuldade metodológica e interpretativa que essas obras impõem aos pesquisadores contemporâneos. Com efeito, enfrentar textos como o *Testamento de Abraão* exige lidar com formas de religiosidade que articulam o sério e o cômico; a condensação dos gêneros "testamento" e "apocalíptico", bem como a compreensão do sentido social e simbólico que tais narrativas assumiram no cotidiano das comunidades judaicas da diáspora em que surgiram, circularam e foram lidas. Nesse sentido, o estudo dessas obras não apenas amplia o conhecimento sobre a literatura apócrifa e pseudoepígrafa, mas também contribui decisivamente para uma compreensão mais plural e historicamente situada do judaísmo antigo.

De fato, ainda hoje não é tarefa simples compreender plenamente o que esse livro – assim como outros apócrifos e pseudoepígrafos – representou em seu contexto histórico-social específico, tanto em termos de prática religiosa quanto de recepção comunitária. As lacunas documentais, a diversidade dos públicos leitores e a própria natureza híbrida dessas obras dificultam reconstruções conclusivas acerca de seus usos e significados originais. Ainda assim, independentemente dessas dificuldades interpretativas, a existência e a circulação de textos como o *Testamento de Abraão* produzem um efeito historiográfico inegável: elas rompem com os retratos homogêneos, elevados e idealizados que, ao longo do tempo, muitos teólogos e historiadores da religião elaboraram do judaísmo do segundo templo.

Ao trazer à tona formas de religiosidade marcadas pela ambiguidade, pela comicidade e pelo rebaixamento de figuras patriarcais, essas obras colocam em xeque tentativas de construir uma história teleológica da teologia bíblica, orientada por uma linha contínua e progressiva que culminaria em sistemas doutrinários considerados normativos. Nesse sentido, os apócrifos e pseudoepígrafos não apenas ampliam o corpus textual do judaísmo antigo, mas também desestabilizam narrativas teológicas excessivamente lineares, exigindo abordagens mais plurais, críticas e sensíveis às múltiplas expressões da experiência religiosa no mundo mediterrâneo antigo.

Isso significa que, embora ainda não disponhamos de respostas definitivas quanto ao significado histórico preciso de obras como o *Testamento de Abraão* em seus contextos originais de produção e recepção, já é possível indicar com relativa segurança o que esses textos representam para as pesquisas teológicas na atualidade. No interim, tais obras constituem uma evidente "pedra no sapato" da Teologia Bíblica, na medida em que desafiam seus pressupostos metodológicos, questionam suas narrativas normativas e expõem os limites de leituras excessivamente sistematizadas e teleológicas do judaísmo antigo.

Ao mesmo tempo, os textos abrem um campo inteiramente novo a se descortinar para os pesquisadores interessados, pois convidam à exploração de formas alternativas de religiosidade, de construção simbólica e de expressão literária que foram, por muito tempo, marginalizadas ou silenciadas. Assim, o estudo do *Testamento de Abraão* e de obras afins não apenas problematiza os modelos tradicionais da teologia bíblica, mas também amplia a perspectiva das investigações contemporâneas, estimulando abordagens interdisciplinares capazes de articular literatura, história social, teoria dos gêneros e estudos da religião no Mundo Antigo.

A monstruosidade da Morte no *Testamento de Abraão*

No *Testamento de Abraão*, o tema do monstruoso manifesta-se de modo particularmente expressivo no momento em que a Morte revela sua outra aparência. A narrativa estabelece claramente que a Morte não se apresenta de forma homogênea a todos os seres humanos, mas assume aspectos distintos conforme o estatuto moral daquele que a enfrenta: aos justos, ela se mostra de maneira suave e quase apaziguadora; aos pecadores, contudo, revela-se sob uma forma terrível e aterradora. Abraão, que na narrativa é inequivocamente caracterizado como justo, inicialmente vê apenas essa manifestação branda e não ameaçadora da Morte.

Todavia, movido por curiosidade, ousadia ou mesmo por um desejo de conhecimento – traço marcante de sua caracterização ao longo do livro –, Abraão insiste repetidas vezes para que a Morte lhe revele também sua outra aparência, aquela reservada aos pecadores. Após resistir à solicitação do patriarca, a Morte finalmente cede à insistência de Abraão e se mostra em sua forma monstruosa, desencadeando uma cena de forte impacto imagético e simbólico. É nesse ponto da narrativa que o texto atinge seu ápice, tanto do ponto de vista narrativo quanto do simbolismo religioso.

É importante ressaltar que ao trazer o monstruoso e a monstruosidade para a discussão sobre a manifestação da Morte no *Testamento de Abraão* estamos realizando uma investigação a partir da perspectiva dos Estudos Culturais e utilizamos a teoria do monstro de Jeffrey Jerome Cohen (2007) para alcançar nossos objetivos. De acordo com o estudo teórico elaborado por esse autor, o monstro é um produto cultural que corporifica ansiedades, medos e limites simbólicos de uma sociedade. Essa abordagem parece adequada para se aplicar à interpretação de uma obra apocalíptica que foi desenvolvida no contexto de calamidade e perseguição e se desenvolveu e se ampliou no ambiente diverso de religião popular do mundo helenístico. Como apontaremos a seguir, ansiedades, medos e limites simbólicos fazem parte dos efeitos produzidos pela monstruosidade da Morte no *Testamento de Abraão*.

O excerto destacado a seguir foi retirado e traduzido da edição crítica do *Testamento de Abraão* realizada por Michael Stone (1972), que permanece como uma das principais referências para o estudo desse livro apócrifo. Vejamos:

> Então a Morte despiu-se de toda a beleza, encanto, glória e forma solar que havia assumido e vestiu o manto tirânico, e tornou sua aparência escura e mais feroz do que qualquer tipo de animal, e mais impura do que qualquer impureza. E mostrou a Abraão sete cabeças flamejantes de dragões, e quatorze rostos de fogo flamejante e de toda ferocidade, e um rosto escuro e um rosto de víbora lúgubre, e o rosto de um precipício terrível, e o rosto ainda mais feroz de uma áspide, e o rosto de um leão terrível, e o rosto de um tipo de serpente pequena e de um basilisco. Mostrou-lhe também o rosto de uma espada flamejante, um rosto portando uma espada, um rosto de relâmpagos brilhando assustadoramente e um som de trovão terrível. Mostrou também outro rosto de um mar bravio e furioso, um rio caudaloso, um dragão de três cabeças temível e uma taça misturada de venenos. Em suma, ele lhe mostrou grande ferocidade e amargura insuportável (*Test Abr* 17,12-17 tradução própria).

A descrição da aparência horrenda da Morte constitui o momento mais denso e elaborado do *Testamento de Abraão*. A caracterização da personagem Morte se constitui por uma acumulação de imagens, marcada pela hipérbole, pela multiplicação de formas e pela justaposição de figuras monstruosas, que produzem um efeito simultâneo de terror e excesso. A Morte, ao despir-se de sua forma bela, assume um "manto tirânico" e passa a ser caracterizada como mais feroz do que qualquer animal e mais impura do que toda impureza, linguagem que remete diretamente ao vocabulário da apocalíptica judaica, no qual o mal e a punição são frequentemente expressos por meio de imagens corporais grotescas e híbridas.

A enumeração caótica de rostos, cabeças e formas – dragões, serpentes, víboras, áspides, leões, basiliscos, espadas flamejantes, trovões, mares furiosos e taças de veneno – evidencia uma estética do excesso monstruoso, na qual a unidade do corpo é dissolvida em uma multiplicidade ameaçadora. Esse procedimento literário aproxima o *Testamento de Abraão* de outros textos apocalípticos que descrevem entidades cósmicas ou agentes do juízo por meio de imagens compostas e instáveis, destinadas a provocar impacto emocional no leitor ou ouvinte.

Podemos acrescentar que a monstruosidade da Morte não se manifesta espontaneamente, pois isso aconteceu por causa da insistência de Abraão. Com isso, o patriarca transforma-se em espectador de um espetáculo de horror, solicitado por ele próprio. Abraão age assim motivado por sua curiosidade e obstinação, características marcantes do rebaixamento de seu caráter que estão presentes ao longo da narrativa. Ainda podemos inferir que, ao ver a monstruosidade da Morte, o patriarca não r*eage* com pavor ou arrependimento, mas com satisfação pelo conhecimento adquirido.

Essa passagem confirma que o *Testamento de Abraão* não pode ser lido apenas como um texto edificante ou doutrinário, mas como uma obra que explora criativamente o imaginário

religioso de seu tempo. A monstruosidade da Morte, longe de ser apenas um recurso pedagógico, revela-se um elemento literário sofisticado, que expressa medos, tensões e fascínios próprios da religiosidade popular judaica no contexto helenístico, ao mesmo tempo em que desafia leituras teológicas excessivamente normativas.

Ainda sobre esse trecho do *Testamento de Abraão*, podemos dizer que a comicidade, que se mantém constante ao longo da maior parte da obra e estrutura sua característica sério-cômica, é momentaneamente suspensa, abrindo espaço para uma cena de terror de forte impacto imagético e simbólico. A narrativa abandona o tom lúdico e paródico para investir em uma descrição marcada pelo excesso, pela violência visual e pela acumulação de imagens ameaçadoras, produzindo um efeito de ruptura que intensifica a experiência do leitor.

Nessa cena, aspectos da natureza – como fogo, relâmpagos, trovões, mares revoltos e rios caudalosos – e sentimentos humanos negativos, tais como ferocidade, amargura e terror, são combinados de maneira deliberada com animais reais e fantásticos, bem como com seres oriundos da mitologia egípcia e da mitologia apocalíptica judaica (Montaner, 1987). O resultado dessa composição é a construção de uma figura profundamente híbrida, instável e mutável, que encarna a Morte em sua manifestação mais horrenda.

A capacidade da Morte de alterar continuamente suas formas monstruosas reforça o caráter caótico e incontrolável dessa entidade, aproximando-a das representações apocalípticas do mal e do juízo, nas quais a monstruosidade é expressa justamente pela dissolução das fronteiras entre humano, animal, cósmico e mítico. Assim, ainda que o tom cômico retorne posteriormente à narrativa, essa suspensão momentânea do riso revela a complexidade literária do *Testamento de Abraão*, que é capaz de articular, em um mesmo texto, tanto a leveza paródica quanto o horror extremo, sem que uma dimensão anule a outra.

Pode-se dizer que, por meio do conjunto de elementos que compõem sua expressão terrível, o *Testamento de Abraão* empenha-se em demonstrar que a morte é apresentada como o mais temível de todos os elementos da existência humana. A descrição monstruosa da Morte, marcada pelo excesso imagético e pela hibridização de formas, não apenas provoca horror, como também funciona como um recurso simbólico destinado a tornar visível aquilo que, na experiência humana, permanece inescapável e profundamente angustiante. A morte não é apenas um evento biológico, por assim dizer, mas uma força personificada, dotada de vontade e ação, cuja presença impõe limites absolutos à condição humana.

Além disso, a narrativa sublinha o caráter implacável da Morte no cumprimento de sua tarefa fundamental, a saber, levar a alma humana, independentemente do estatuto moral, social ou religioso daquele a quem se dirige. Nem mesmo Abraão, figura paradigmática da tradição bíblica e apresentado no próprio texto como um dos mais ilustres seres humanos que já pisaram a face da terra, a ponto de ser reiteradamente chamado de "amigo de Deus", é poupado de enfrentá-la. A excepcionalidade de sua relação com Deus não o isenta da experiência última que define a humanidade como tal.

Diante de sua recusa persistente em aceitar o fim da vida, a narrativa recorre a um desfecho marcado pela ironia: Abraão não é vencido pela força, mas enganado pela astúcia da Morte, que o convence a beijar sua mão, gesto aparentemente inofensivo que, paradoxalmente, sela sua derrota. Esse expediente narrativo reforça tanto o caráter sério-cômico da obra quanto sua reflexão antropológica, pois sugere que, frente à morte, mesmo o mais justo dos seres humanos não sucumbe pela violência, mas pela própria fragilidade inerente à condição humana.

Considerações Finais

A abordagem desenvolvida ao longo deste estudo acerca do *Testamento de Abraão*, a partir da reflexão sobre seu gênero literário – fundamentada sobretudo na teoria da história do romance de Mikhail Bakhtin – e de seu contexto histórico-literário, permitiu evidenciar a complexidade dessa obra apócrifa, tanto no que se refere ao seu estilo quanto à sua composição narrativa. Longe de se enquadrar em categorias rígidas ou unívocas, o *Testamento de Abraão* articula de maneira coesa elementos de comicidade, apocalíptica e intertextualidade bíblica, resultando em um texto marcado pela ambiguidade, pelo rebaixamento e pela tensão constante entre o sério e o cômico.

Embora se trate de uma obra predominantemente cômica e paródica, o aspecto do monstruoso – no sentido proposto por Cohen – ocupa um lugar central na narrativa, sobretudo no episódio em que a personagem Morte revela sua aparência mais terrível. Nesse momento, a leveza que caracteriza grande parte do texto é deliberadamente suspensa, cedendo espaço a uma cena de terror intenso, construída por meio da combinação de elementos da natureza, sentimentos humanos negativos, animais reais e fantásticos, bem como imagens oriundas de mitos egípcios e da apocalíptica judaica. Essa suspensão momentânea do riso não anula o caráter sério-cômico da obra, mas, ao contrário, o intensifica, ao evidenciar a capacidade do texto de transitar entre registros distintos sem perder sua coerência literária.

A análise da figura da Morte, apresentada como entidade híbrida, mutável e implacável, permitiu ainda destacar a dimensão antropológica do *Testamento de Abraão*. Um retrato exemplar do "monstro" da teoria de Cohen. Ao mostrar que nem mesmo o patriarca, reiteradamente chamado de "amigo de Deus", é poupado da experiência da morte, a obra reforça a universalidade dessa condição e subverte expectativas teológicas tradicionais. O desfecho narrativo, no qual Abraão é vencido não pela força, mas pelo engano, sintetiza de modo exemplar o tom ambíguo do texto, no qual a comicidade e o terror coexistem e se complementam.

Inserido ao lado de outras obras do judaísmo do segundo templo, o *Testamento de Abraão* contribui para a construção de um quadro mais amplo e plural do judaísmo do Mundo Antigo. Como expressão daquilo que pode ser compreendido como religião popular no contexto do Mediterrâneo helenístico, esse livro – assim como outros apócrifos e pseudoepígrafos de gênero "testamento" –, tensiona leituras homogêneas e idealizadas da história religiosa judaica. Ao que tudo indica, parte significativa da produção acadêmica em Teologia Bíblica tem demonstrado pouco interesse em lidar com essas obras justamente porque elas evidenciam rupturas, fissuras e ambiguidades que comprometem narrativas teológicas teleológicas e excessivamente normativas, amplamente difundidas por manuais teológicos e historiográficos.

Nesse sentido, o estudo dos livros apócrifos e pseudoepígrafos, e em particular dos textos de gênero "testamento" marcados por um estilo paródico e sério-cômico, revela-se de importância fundamental para a construção de um retrato do judaísmo do segundo templo mais condizente com a realidade histórica. Trata-se de um universo religioso profundamente diverso, no qual conviviam formas de expressão eruditas e populares, solenes e vulgares, normativas e marginais, muitas das quais permanecem de difícil assimilação para o olhar teológico contemporâneo. Ao enfrentar esses textos, abre-se não apenas um campo fértil para novas pesquisas, mas também a possibilidade de repensar criticamente os pressupostos que orientam a própria escrita da história da teologia bíblica.

Referências

Bakhtin, M. M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

Bakhtin, M. M. *Questões de literatura e de estética*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

Berger, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. (Col. Bíblica Loyola; 23).

Bíblia de Jerusalém. *Nova edição, revista e ampliada*. São Paulo: Paulus, 2002.

Charlesworth, J. H. Testaments, often with apocalyptic sections. Introduction. *In*: Charlesworth, J. H. (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2016. (Apocalyptic Literature and Testaments, v. 1).

Cohen, J. J. *A cultura dos monstros*: sete teses. *In*: Silva, T. T. (org.). Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. São Paulo: Editora Autêntica, 2007. p. 23-60.

Collins, J. J. *Imaginação apocalíptica*: uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010.

Collins, J. J. Testaments. *In*: Stone, M. E. (ed.). *Jewish writings of the second temple period*. Compendia Rerum Iudaicarum ad Novum Testamentum. Augsburg Fortress Publishers, 1984.

Eagleton, T. *O acontecimento da literatura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2024.

Henze, M. Os pseudepígrafos do Antigo Testamento hoje: Os antigos escritos de Israel na pesquisa moderna. *In*: Nogueira, P. *Apocrificidade*: O cristianismo primitivo para além do cânon. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

Leite, F. *Ele está fora de Si*: a linguagem popular do Evangelho conforme Marcos. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

Leite, F. *Ensaios sobre o Evangelho conforme Marcos*: teologia, religião e linguagem. São Paulo: Editora Recriar, 2024.

Montaner, L. V. Testamento de Abraham: introducción y texto. *In*: Macho, A. D. *et al.* (ed.). Apócrifos del Antiguo Testamento. t. 5: *Testamentos os discursos de adiós*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987. p. 439-527.

Nickelsburg, G. W. E. *Literatura Judaica, entre a Bíblica e a Mixná*: uma introdução histórica e literária. São Paulo: Paulus, 2011.

Nogueira, P. *Narrativa e cultura popular no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2018.

Sanders, E. P. Testament of Abraham. *In*: Charlesworth, J. H. (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2016. p. 871-902. (Apocalyptic Literature and Testaments, v. 1).

Stone, M. E. (ed.). The Testament of Abraham: the Greek recensions. *Missoula*: *Scholars Press*, 1972. viii, (Texts and Translations, v. 2. Pseudepigrapha Series, v. 2).

Ubigli, L. R. Testamento di Abramo. *In*: Sacchi, P. (org.). *Apocrifi dell'Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2000. v. 4, p. 17-101.